

# OS “IMPONDERÁVEIS” EM UMA ETNOGRAFIA SOBRE RELIGIÃO E DROGAS: ANÁLISE DE QUESTÕES METODOLÓGICAS

Janine Targino<sup>1</sup>

**Resumo:** Partindo da análise preliminar feita sobre os dados coletados ao longo dos anos de 2011, 2012 e 2013 para a composição da minha tese de doutorado intitulada *Religião contra as "drogas": estudos de caso em duas comunidades terapêuticas religiosas para dependentes químicos no Rio de Janeiro*, este artigo se propõe a observar determinados fatores ligados especificamente à realização do trabalho de campo etnográfico em uma das comunidades terapêuticas que serviram de *locus* para a pesquisa. Desta forma, neste artigo tratarei de condições específicas da minha pesquisa etnográfica que revelaram outros níveis de informações e significados muito além daqueles que poderiam ser considerados evidentes ou óbvios. Os dados aqui apresentados foram coletados através de pesquisa de campo por observação e entrevistas realizadas com internos e membros da equipe técnica da instituição estudada.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo; dependência de drogas; tratamento da dependência química; trabalho de campo etnográfico.

## THE "IMPONDERABLES" ON A ETHNOGRAPHY ON RELIGION AND DRUGS: ANALYSIS METHODOLOGICAL ISSUES

**Abstract:** Starting from the preliminary analysis of the data collected between the years 2011, 2012 and 2013 for the composition of my doctoral dissertation entitled "Religion against " drugs ": studies of case in two religious therapeutic communities for drug addicted in Rio de Janeiro", this article aims to observe certain specific factors related to the realization of ethnographic field work in a therapeutic communities that serve as a locus for research. In this way, this article will observe specific conditions of my ethnographic research revealed that other levels of information and meanings far beyond those that could be considered obvious or obvious. The data analyzed here were collected through field research by observation and interviews with the inmates and also with the technical team members of the studied institution.

**Keywords:** Pentecostalism, drug addiction, treatment for drug addiction, ethnographic fieldwork

## INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto direto de minha tese de doutorado intitulada *Religião contra as "drogas": estudos de caso em duas comunidades terapêuticas religiosas para dependentes químicos no Rio de Janeiro*, defendida em julho de 2014 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ (2008), mestrado (2010) e doutorado (2014) em Ciências Sociais pela UERJ. Atualmente é tutor presencial do Centro de Educação à Distância do Estado do Rio de Janeiro.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro sob orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Cecília Loreto Mariz. O objetivo da minha tese de doutorado fora apreender porque a interpretação carismática/pentecostal acerca do uso de drogas, bem como a crença no poder recuperador das comunidades terapêuticas observadas, conseguem ganhar aceitação entre fileiras de dependentes químicos desejosos de recuperação. Os dados analisados na tese foram coletados entre os anos de 2011, 2012 e 2013 através de pesquisa de campo por observação e entrevistas realizadas com internos e membros das equipes técnicas das instituições estudadas. Ainda fazendo uso das informações coletadas ao longo da pesquisa realizada para a composição da tese, neste artigo me proponho a fazer uma análise a respeito do trabalho etnográfico no âmbito de instituições religiosas que se constituem e são, ao mesmo tempo, atravessadas por questões pujantes e problemáticas na sociedade contemporânea. Desta forma, minha intenção é apresentar um panorama sobre o quão custoso e trabalhoso pode ser realizar um levantamento etnográfico em contextos religiosos onde prevalecem retóricas que trazem em si níveis diversos de mensagens a serem capturadas pelo pesquisador e as relações entre os atores envolvidos nos processos mostram-se conflitantes e idiossincráticas.

Minha pesquisa de doutorado fora realizada especificamente sobre suas comunidades terapêuticas localizadas no estado do Rio de Janeiro: O Instituto Vida Renovada (IVR) e o Projeto Reconstruir<sup>2</sup>. No entanto, para as finalizadas do presente artigo e para recortar com mais exatidão as questões sobre as quais pretendo propor uma análise mais profunda, apresentarei apenas os dados do IVR. De fato, diversas questões que se revelaram ao longo da pesquisa de campo mostraram-se mais radicais no IVR do que no Projeto Reconstruir. Isso, sem dúvidas, distinguiu estas duas instituições e ressaltou determinadas características que serão expostas a seguir.

O IVR foi fundado por Marcos Pereira no ano de 1990 com a intenção de atuar à maneira de uma organização não governamental (ONG). Esta instituição funciona como uma extensão da Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD), tanto no processo de evangelização como na concretização daquele que seria o principal projeto do pastor, a saber, usar a religião na tentativa de recuperar indivíduos que estão, segundo determinadas categorias do senso comum, à margem da sociedade.

Além da sede localizada no bairro do Éden, município de São João de Meriti - RJ, o IVR também possui um espaço chamado Fazenda Vida Renovada, localizado no bairro de Tinguá, município de Nova Iguaçu - RJ. Tanto na sede quanto na Fazenda Vida Renovada, o IVR atende dependentes químicos em busca de tratamento e acolhe ex-egressos do sistema prisional que, de acordo com as informações coletadas ao longo da pesquisa de campo, não encontram meios para retomarem suas vidas fora da prisão. Entre os acolhidos pelo IVR encontram-se também vários ex-traficantes de drogas que supostamente descobrem no IVR uma alternativa viável para recomeçarem suas vidas longe do narcotráfico. Considerando todos os indivíduos atendidos pelo IVR, estima-se que existam cerca de 150 homens e 40 mulheres em situação de internato nesta instituição<sup>3</sup>.

Aqui, torna-se mister ressaltar que um dos principais objetivos da pesquisa realizada para a obtenção de meu doutorado foi refletir sobre como a interpretação do pentecostalismo sobre o uso de drogas, bem como a crença no poder recuperador do tratamento oferecido pelo IVR, consegue ganhar aceitação entre um número razoável de dependentes químicos desejosos de recuperação. É interessante deixar claro que não fez

---

<sup>2</sup> O Projeto Reconstruir, criado em 2001 em associação com a Comunidade Católica Maranathá foi o segundo *lôcus* para a coleta de dados da pesquisa. A escolha desta instituição ocorreu pelo fato da mesma ter alcançado amplitude considerável no rol de instituições católicas que se dedicam aos cuidados de dependentes químicos em geral. Pode-se dizer, a priori, que o Projeto Reconstruir constitui uma das maiores redes de perfil católico carismático dedicada ao tratamento de usuários de drogas no estado do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Dados informados pela equipe técnica do IVR.

parte dos objetivos desta pesquisa avaliar o sucesso ou fracasso do IVR na empreitada da recuperação de dependentes químicos, mas entende-lo como uma das várias vias que o pentecostalismo atinge a sociedade mais abrangente das maneiras mais diversas.

Para a obtenção de dados sobre o IVR foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observação etnográfica. A opção pela entrevista semiestruturada esteve ligada a fato de que esta técnica de investigação qualitativa possibilita a comparação e identificação de elementos recorrentes que podem surgir nos relatos dos indivíduos, sem desprezar as particularidades de suas biografias. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com internos e membros das equipes técnicas do IVR. No que tange às entrevistas semiestruturadas com internos, o objetivo fora levantar dados referentes à inserção destes indivíduos no IVR, à (re)construção de seus relacionamentos pessoais durante a internação e ao impacto do pentecostalismo sobre a forma como estes passam a ver o mundo. Por fim, as entrevistas semiestruturadas com membros da equipe técnica foram usadas para a coleta de dados sobre o relacionamento destes com os dependentes químicos em tratamento.

A escolha da observação etnográfica visou à coleta de dados sobre o cotidiano dos internos e da equipe dirigente, sobre os relacionamentos interpessoais geridos dentro das instituições e sobre os códigos compartilhados no âmbito do tratamento religioso da dependência química. Esperava-se que, com a observação etnográfica, fosse possível obter informações que me possibilitassem circular e interagir entre os atores que encontrei no IVR. Além disso, também acreditava que a observação etnográfica me proporcionaria, ao longo da pesquisa, a possibilidade de identificar novos pontos de análise através da problematização de questões e acontecimentos observados durante minha presença em campo.

Embora considere a concepção de que a religião pode, em determinadas situações, transformar-se em um instrumento social com funções específicas, não adotei a perspectiva funcionalista na análise dos dados coletados, pois não pretendia, no âmbito do contexto observado, reduzir a religião a sua função. Seguindo as orientações de Weber (1982) e Geertz (1978), observei a religião como uma fonte de sentido e motivação para os indivíduos, já que minha intenção era compreender o significado que as práticas e crenças religiosas adquirem para os dependentes químicos em tratamento no IVR.

Dessa forma, estive fundada na concepção weberiana de que as consequências provocadas pela religião na vida dos indivíduos estão intimamente ligadas ao sentido que a mesma possui para aqueles que a professam. Logo, a análise dos dados coletados durante a realização das entrevistas semiestruturadas e da observação etnográfica esteve permeada pela busca do significado atribuído ao tratamento religioso pelas equipes técnicas de ambas as instituições analisadas e, principalmente, pelos dependentes químicos ali internados.

## **A RELAÇÃO ENTRE O PENTECOSTALISMO E O USO DE DROGAS – O MOTE DA PESQUISA**

Seja pelo vertiginoso crescimento demográfico das últimas décadas<sup>4</sup>, ou pela sua forma idiossincrática de tratar malefícios e comportamentos classificados como

---

<sup>4</sup> O estudo sobre a expansão evangélica no Brasil tem atraído a atenção de vários pesquisadores, ao mesmo tempo em que cria espaço para a discussão sobre as variadas formas como os dados podem ser interpretados. Ao analisar os dados dos Censos de 2000 e 2010, Mariano (2013) indica que entre ambas as contagens populacionais os evangélicos cresceram cinco vezes a mais do que a população brasileira. Em termos percentuais, este dado indica que os evangélicos progrediram positivamente algo em torno de 61,4% enquanto a população do país evoluiu 12,3%. Tal expansão fez com este segmento religioso ganhasse mais 16 milhões de adeptos, passando do número de 26,3 milhões para 42,3 milhões de seguidores. Desta forma, temos que o total do número de evangélicos identificados divide-se em 7,7 milhões de evangélicos de missão (4% da população), 25,4 milhões de pentecostais (13,3% da população) e 9,2 milhões de evangélicos não

inadequados, sempre os associando à ação demoníaca (BIRMAN, 1997; MARIZ, 1997), o pentecostalismo<sup>5</sup> se destaca entre as religiões que oferecem possibilidades de tratamento para dependentes químicos. Sobretudo no que diz respeito ao tratamento do alcoolismo, Mariz nos indica que é muito frequente encontrar testemunhos de conversão a igrejas pentecostais, especialmente de homens que se referem a um passado marcado por sérios problemas com a bebida (1994a; 1994b; 2003). No que se refere às drogas de uso ilegal, o pentecostalismo também vem demonstrando um amplo potencial para arremeter cada vez mais dependentes químicos desejosos de recuperação, posto que esta vertente religiosa rejeita o uso de qualquer substância entorpecente lícita ou ilícita. Esta temática mostra-se tão pujante na atualidade que, somadas às observações das Ciências Sociais sobre este fenômeno, há igualmente uma forte observação leiga e midiática que aponta para os aspectos positivos desse tipo de intervenção (SANCHEZ & NAPPO, 2007).

De fato, entre as religiões cristãs que, via de regra, rejeitam completamente o uso de drogas ilícitas, a vertente protestante atua com bastante vigor. Segundo BECKER (2008), um dos maiores valores da chamada ética protestante é a prescrição de que o indivíduo deve exercer total responsabilidade por todas as suas ações e por tudo que lhe acontece. Por isso, o uso de entorpecentes deveria ser evitado, já que o consumo de substâncias como o álcool e drogas pode levar o indivíduo a perder o controle sobre seus atos (BECKER, 2008). Especificamente entre os neopentecostais, embora exista certa flexibilidade no que diz respeito a comportamentos rejeitados pelo protestantismo clássico, a proibição ao uso de tabaco, álcool e drogas ilícitas permanece forte<sup>6</sup> (MARIANO, 2005).

Assim como a Igreja Católica, a corrente protestante também se mostra contrária à legalização das drogas ilícitas. No Brasil, a posição contrária dos evangélicos à legalização das drogas tornou-se efetiva quando da composição da Assembleia Constituinte de 1988. Nesta ocasião um bloco suprapartidário composto por 33 evangélicos participou ativamente nas duas Comissões em que a questão moral era mais evidente: na de Família, Educação e Cultura e na de Soberania e Direitos do Homem e da Mulher. Como resultado da atuação deste grupo, predominaram as posições contrárias não só às drogas, mas

---

determinados (4,8% da população). No entanto, é necessário observar os dados obtidos através das comparações entre as informações do Censo de 2010 e os Censos realizados em decênios anteriores, dados estes que causaram grande polêmica entre os pesquisadores do fenômeno religioso. Ainda segundo os dados do Censo 2010 comentados por Mariano (2013), “os evangélicos de missão cresceram 10,8%, bem menos do que a cifra de 58,1% que obtiveram na década anterior”, e prossegue: “Os pentecostais cresceram apenas 44%, expansão que não chega nem à metade das obtidas nos dois decênios anteriores, dado que passaram para 8,8 milhões em 1991 (aumento de 111,7%) e para 17,7 milhões em 2000 (115,4%)” (MARIANO, 2013: 124).

Contudo, diante dos dados sobre a evolução dos evangélicos no Brasil, autores como Mariz (2013) sublinham que a queda percentual e absoluta dos evangélicos e, em especial, dos pentecostais, pode ser um fenômeno ligado à forma como os dados do Censo 2010 foram coletados. A autora enfatiza que a abertura da categoria *evangélicos sem declaração de denominação* no Censo 2010 pode ter absorvido parte dos seguidores de igrejas estigmatizadas que preferiram não declarar qual denominação frequentam (como os membros da Universal do Reino de Deus, por exemplo), e indivíduos que frequentam concomitantemente mais de uma igreja evangélica, mas que não sabiam da possibilidade de declarar isso ao Censo 2010. Desta forma, mesmo diante da possível refração do crescimento de segmentos evangélicos indicado pelo Censo 2010, deve-se ter extremo cuidado ao elaborar conclusões a respeito dos dados apresentados.

<sup>5</sup> Segundo Mariano (2004), o pentecostalismo se distingue do protestantismo histórico por acreditar na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, com ênfase nos dons de línguas e cura, e por sustentar a crença em preceitos e práticas do cristianismo primitivo, tais como a expulsão de demônios e a realização de milagres.

<sup>6</sup> Salvo poucas exceções, como a Congregação Cristã, a Igreja Nova Vida, a Comunidade Evangélica, A Igreja Cristo Salva e a Igreja Universal do Reino de Deus que permitem o uso moderado de bebidas alcoólicas leves, como cerveja e vinho. Contudo, deve-se ressaltar que mesmo estas igrejas condenam veementemente a embriaguez (MARIANO, 2005).

também ao aborto, ao feminismo, ao homossexualismo e à pornografia (MACHADO, 1996: 104).

Um fato de extrema importância, e que nos leva à comunidade terapêutica religiosa sobre a qual esta pesquisa se debruça, é que o pentecostalismo apresenta um conjunto diversificado de possibilidades para atender a dependentes químicos. Não é apenas no âmbito das igrejas, onde se oferece todo um conjunto de ações e elementos rituais que visam auxiliar na recuperação da dependência química, que vemos a ação pentecostal voltada para a superação da dependência de drogas. Atualmente, também vemos surgir diversas “casas de recuperação” de orientação pentecostal espalhadas por várias cidades brasileiras.

Assim sendo, destaco que tomei conhecimento da existência do IVR através de panfletos da instituição distribuídos por supostos internos da mesma. Estes panfletos sempre estão associados à venda de canetas ou cartelas de adesivos decorados que, de acordo com os rapazes que as vendem nas vias públicas e nos transportes coletivos da cidade do Rio de Janeiro, servem para arrecadar fundos para a manutenção do trabalho do IVR. Vários outros supostos internos de outras instituições pentecostais que atuam no tratamento de dependentes químicos no Rio de Janeiro também realizam a venda de canetas e outros objetos ao mesmo tempo em que fazem a divulgação das instituições com a entrega de panfletos<sup>7</sup>. Desta forma, a venda de objetos em associação com a distribuição de panfletos que buscam divulgar o trabalho destas instituições parece ser uma espécie de *modus operandi* bastante usado para a arrecadação de fundos por estas instituições.

Após a breve apresentação do panorama sobre a relação entre o pentecostalismo e a dependência química na contemporaneidade, podemos agora prosseguir através das duas mais importantes questões que se apresentaram ao longo da realização da pesquisa etnográfica no IVR. A primeira delas trata do exagero retórico utilizado pelos internos entrevistados, enquanto a segunda trata das dificuldades encontradas para a realização de entrevistas com as mulheres internas e para a continuação da pesquisa na instituição mencionada.

## **O EXAGERO RETÓRICO COMO INSTRUMENTO DE DEMARCAÇÃO DE FRONTEIRAS**

É fundamental destacar que a pesquisa que realizei não tinha por finalidade mensurar o grau de dependência química apresentada pelo indivíduo que busca tratamento nas instituições observadas. Por isso, a amplitude da dependência química apresentada pelos indivíduos quando decidem buscar tratamento fora visível apenas nos discursos dos mesmos. Assim, ainda que alguns indivíduos entrevistados no IVR ou no Projeto Reconstruir possam ter procurado tratamento antes de atingirem o suposto grau máximo de dependência química, os discursos apresentados por eles sempre será atravessado por elementos que ilustram o “fundo do poço” para o qual a dependência das drogas os levou.

Devo destacar que todos os indivíduos ouvidos nas entrevistas realizadas possuem o discurso “padrão” da destruição causada pelo uso excessivo de drogas, além de sempre indicarem que o vício de drogas tinha alcançado um nível extremo que os impedia de levarem uma vida tranquila e produtiva. Este dado contido nos discursos dos entrevistados nos leva a observação do “exagero retórico” utilizado especialmente pelos evangélicos quando falam sobre a vida que levavam antes do processo de conversão.

De acordo com Smilde (2011), no que tange ao discurso sobre a vida pregressa apresentado pelos seguidores das formas de cristianismo renovado,

---

<sup>7</sup> A “Casa do Meu Pai”, a “Casa de Recuperação Manassés” e o “Projeto Restaurando Vidas” são outras instituições que tomei conhecimento através da compra de canetas e outros objetos associados a panfletos de divulgação vendidos por rapazes que se dizem internos destas Instituições.

Há boas razões para manter distância crítica do discurso do sofrimento. Uma vez que o movimento evangélico, como todas as formas de cristianismo renovado, tem no seu centro uma narrativa de “já estive perdido, agora me achei”, é totalmente plausível acreditar que isso pode ter pouco a ver com os fatos biográficos dos seguidores e sirva de meio para reforçar o capital carismático. Os pentecostais podem muito bem exagerar o sofrimento e as dificuldades do passado com o propósito de demonstrar purificação semelhante à de Jó ou “até que ponto chegaram” tendo Deus ao seu lado (SMILDE, 2012: 75).

Como é destacado por Smilde, este tipo de exagero retórico está presente nos discursos de seguidores de todas as formas de cristianismo renovado e, nesta seara, podemos incluir os pentecostais. Provavelmente por este motivo o padrão de discurso pautado na descrição de uma vida anteriormente destruída que fora transformada pela religião esteve presente com tanta força entre os entrevistados no IVR.

Foi possível perceber na retórica construída pelos internos entrevistados no IVR a indicação do momento que, segundo os entrevistados, teria sido o fundo do poço provocado pelo uso abusivo de drogas. Contudo, é difícil mensurar o quanto cada um destes entrevistados realmente chegou no “fundo do poço”, e qual a intensidade da dependência química manifesta pelos mesmos. Prova disso é a intrigante pouca ocorrência de casos em que os internos do IVR sofrem com os efeitos provocados pela abstinência da droga no organismo, e este dado pôde ser comprovado ao longo de minha permanência como pesquisadora nesta instituição.

Entre as possibilidades de se interpretar este fenômeno, pode-se considerar que, talvez, estes indivíduos não tenham realmente atingido o grau mais elevado de dependência química, visto que somente sob estas condições os efeitos da abstinência de entorpecentes seriam menos avassaladores. Afora isso, o fato de que o IVR também se destina ao recebimento de ex-dententos do sistema prisional e ex-traficantes de drogas pode ser outro elemento que colabora para esta suposta ausência de sofrimento com a abstinência entre os indivíduos ali encontrados. Uma vez que a busca pela cura da dependência química não representa o único motivo pelo qual um indivíduo chega ao IVR, provavelmente a dependência química manifestada pelos que são atendidos por esta instituição pode ser menos elevada do que nos casos atendidos, por exemplo, pelo Projeto Reconstruir.

Esse exagero retórico presente nas entrevistas realizadas com os internos me fez ter dúvidas (em alguns casos específicos) sobre a amplitude da dependência química apresentada pelos mesmos quando decidiram buscar tratamento. Será que eles eram realmente dependentes químicos da maneira como contam? Ou será que eles eram apenas usuários recreativos ou sazonais que, por algum motivo, perderam momentaneamente o controle da situação e foram levados a acreditar que eram dependentes químicos?

E não só no que diz respeito ao grau de dependência química que apresentavam, mas também tive dúvidas quando analisei alguns relatos de indivíduos que falavam sobre o seu envolvimento com o mundo do crime. Em certos casos, os discursos simplesmente me pareciam completamente inconsistentes e inverossímeis. A ênfase dada às atividades marginais que haviam realizado antes de ingressarem no tratamento parecia, muitas vezes, apenas uma forma de “enfeitar” toda a história e de demonstrar o quão profunda foi a mudança realizada pela religião na vida desses indivíduos. De fato, alguns indivíduos me pareciam tão serenos e cheios de autodomínio que jamais poderia imaginá-los assaltando lojas ou assassinando seus inimigos.

A retórica que enfatiza o “fundo do poço” torna-se ainda mais complexa através da observação de como os internos entrevistados descrevem o momento em que decidiram procurar ajuda contra a dependência química no IVR. Dentre as razões pelas quais os

indivíduos entrevistados buscam tratamento para o vício de drogas existe um fator comum presente nos discursos dos mesmos que é o relato de alguma experiência limite na qual, muitas vezes, a vida esteve por um fio. Esta experiência limite, via de regra, provoca choques traumáticos que levam os indivíduos a optarem por mudar de vida enquanto há tempo para isso.

A ocorrência desta experiência limite está intrinsecamente associada à vida levada com o uso de drogas. Entre os entrevistados internos do IVR a experiência limite que leva estes indivíduos ao tratamento contra a dependência química frequentemente é relatada como algum acontecimento que envolve determinadas implicações do consumo e tráfico de drogas ilícitas. A necessidade de fugir de traficantes, seja por causa de alguma dívida gerada pela compra de drogas ou em função de disputas territoriais envolvendo traficantes de facções rivais, constitui ponto comum nos relatos dos entrevistados. Fugir de alguma investida policial também surgiu como um fator motivador para o abandono da vida criminosa e do vício de drogas.

O temor causado pela possibilidade de sofrer uma morte violenta que leva estes indivíduos a buscarem tratamento para a dependência química fica ainda mais claro quando os mesmos relatam situações nas quais seus amigos, também dependentes químicos, foram vítimas de morte a tiros. Estes casos são relatados como uma forma de ilustrar uma história onde o personagem principal poderia ser o entrevistado, mas que, por sorte, não é.

Vi tanto amigo meu morrer que até perdi a conta. Dos moleques que cresceram comigo lá em (nome de uma favela da cidade do Rio de Janeiro) eu acho que só eu e um primo meu que conseguimos sair com vida, porque lá quase toda semana tinha um deitado no morro. Se não eram os traficantes que mandava matar, era a própria polícia que fazia o serviço. Se pegavam os caras com arma e droga já sabia que ia pra vala, só não ia se tivesse um arrego muito forte pra dar pra eles (os policiais). Ai eu fui vendo tudo isso, minha vida já tava um inferno porque eu nunca sabia se eu ia tá vivo no outro dia, se eu ia conseguir um dia sair daquela vida de usar droga. E quando mataram meu irmão, eu fiquei quase maluco. Na minha cabeça eu ficava pensando que podia ser eu no lugar dele, porque a gente só andava junto, a gente usava (drogas) juntos e fazia as correrias<sup>8</sup> tudo junto também. Isso daí abriu os meus olhos (Mizael, interno do IVR).

Assim sendo, dentre os entrevistados internos do IVR, é possível perceber que o elemento principal que fundamenta a decisão pelo tratamento contra a dependência química não está necessariamente vinculado ao medo da morte provocada pelos efeitos naturais e avassaladores que o uso abusivo de substâncias entorpecentes pode causar. De fato, o medo de morrer pelas mãos de traficantes ou da polícia é o que torna a continuação no vício de drogas algo absolutamente indesejável e até mesmo insustentável. O excesso de consumo de drogas não parece tão ameaçador à vida quanto a ação violenta de outros atores envolvidos na trama de consumo e venda de substâncias entorpecentes.

Outro ponto interessante e que também pode ser observado pelo prisma do exagero retórico é a ênfase dada ao alcance da cura completa da dependência química através do processo de conversão ao pentecostalismo e inclusão no IVR. Autodeclarar-se completamente curado do vício de drogas foi parte de todos os discursos dos internos entrevistados no IVR, ou seja, não existiu entre as declarações dos internos qualquer apontamento de dúvidas sobre terem ou não alcançado a cura completa da dependência química. Através do aprofundamento na análise da certeza de cura manifestada pelos entrevistados, percebe-se que este discurso está fundado nas construções cosmológicas sustentadas no âmbito do IVR e da ADUD. Antes de qualquer coisa, deve-se lembrar que a

---

<sup>8</sup> *Correria* trata-se de uma gíria para se referir a assalto ou furto.

dependência química, tal como todo e qualquer comportamento visto como inadequado e pernicioso no âmbito pentecostal, é atribuído à influência que forças demoníacas podem ter na vida dos indivíduos.

Assim, dentro da crença pentecostal, todas as pessoas que apresentam comportamentos classificados como ruins e degradantes são vistas como “marionetes” do mal, pois concretizam as vontades do demônio. A única forma para deixar de ser subjugado pelas forças malignas é a conversão e o processo de libertação pelo qual todo crente deve passar para se afastar da influência exercida pelo diabo. E, uma vez concluídos os processos de conversão e de libertação, nada mais poderia fazer com que o indivíduo volte a praticar os atos qualificados como negativos desde que ele permaneça na presença de Deus<sup>9</sup>. Tendo em vista que todos os entrevistados se declararam evangélicos seguidores da ADUD com muita convicção, é possível associar a retórica da certeza de cura ao processo de conversão e, implicitamente, ao processo de libertação dos entrevistados.

### **AS DENÚNCIAS CONTRA MARCOS PEREIRA E AS DIFICULDADES PARA A REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS COM AS INTERNAS DO IVR**

Entre as questões difíceis de administrar e que acabaram praticamente ganhando vida própria ao longo da pesquisa de campo e análise dos dados esteve a intrigante personalidade de Marcos Pereira. Quando iniciei a pesquisa de campo, o pastor já havia alcançado grande visibilidade nos meios de comunicação e notoriedade em estudos acadêmicos. Por isso, desde sempre soube que precisaria encontrar um lugar adequado para esta personagem dentro das minhas observações. Não obstante, tudo isto pareceu fugir ao meu controle em função dos acontecimentos que relatarei a seguir e que levaram à prisão do pastor e à finalização forçada de minha pesquisa de campo no IVR. Consequentemente, precisei oferecer um espaço maior do que eu planejava (ou acreditava ser conveniente), à figura do líder religioso que, ao mesmo tempo em que se tornou conhecido por negociar o término de rebeliões em presídios, ganhou as páginas policiais por acusações de estupro e associação com o tráfico de drogas.

Particularmente, sinto-me à vontade para dizer o quão incrível foi acompanhar todo este processo de auge do IVR, onde a instituição possuía certa credibilidade e podia contar com o recebimento de verbas provenientes de diversos convênios estabelecidos com o poder público, e a posterior decadência financeira e moral provocada pelas acusações e condenação sofridas por Marcos Pereira. Aliás, o marco cronológico de finalização de meu trabalho de campo no IVR coincidiu com o fortalecimento da expectativa amplamente divulgada pela mídia de que o pastor seja transferido para o regime semiaberto. Assim, a coleta de dados terminou justamente no momento em que uma nova fase começou a se desenhar para o IVR e para ADUD.

Desde o início do ano de 2012, Marcos Pereira se tornou alvo de uma série de boatos que o relacionavam ao alto comando do tráfico de drogas do estado do Rio de Janeiro. Todos estes boatos, segundo relatado pelo próprio pastor em uma entrevista concedida ao jornalista Roberto Cabrini<sup>10</sup>, teriam sido construídos e ventilados por José Júnior, líder da ONG AfroReggae. De fato, José Júnior acusou publicamente o pastor de ser o responsável por uma ampla lista de acontecimentos, que envolvem desde situações ocorridas no âmbito do IVR até atentados terroristas que afetaram toda a rotina da cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>9</sup> Estar na presença de Deus seria o mesmo que frequentar a igreja e seguir com seriedade a doutrina proposta.

<sup>10</sup> Entrevista exibida pela rede de TV SBT no programa Conexão Repórter do dia 02/09/2013.

Dentre as acusações feitas por José Júnior está a associação do pastor aos ataques realizados pela facção criminosa Comando Vermelho em diferentes pontos da cidade do Rio de Janeiro nos anos de 2006 e 2010. Nestes atentados, traficantes de várias localidades se organizaram para atear fogo em ônibus e bloquear o acesso a várias ruas da cidade. Diversos motivos foram identificados para estas ações violentas, embora as próprias autoridades da área de segurança pública tenham divergido sobre os mesmos. No ano de 2006, os ataques teriam sido inspirados pelo descontentamento dos traficantes em relação ao avanço do domínio das milícias formadas por policiais em algumas favelas cariocas, pela rigidez adotada no regime penitenciário (que afetou diretamente os líderes da facção que estavam presos) e também pela tentativa de intimidar o governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral, que havia sido eleito naquele ano<sup>11</sup>. Já no ano de 2010 o principal motivo para a ação violenta dos traficantes teria sido a insatisfação com a instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em favelas da cidade do Rio de Janeiro<sup>12</sup>.

Tanto em 2006, quanto em 2010, José Júnior afirma que a participação de Marcos Pereira foi essencial para a realização destes atentados. Segundo ele, os dois advogados que compõem a equipe técnica do IVR teriam como função, além de auxiliar os internos do IVR na resolução de suas pendências jurídicas, atuar como “pombos-correios” dos líderes da facção Comando Vermelho que cumprem pena no Complexo Penitenciário de Gericinó, localizado no bairro de Bangu, na cidade do Rio de Janeiro. Ainda de acordo com as acusações feitas por José Júnior, estes advogados teriam sido os responsáveis por trazer de dentro do presídio a ordem expressa para que os atentados fossem colocados em prática. Tudo isso teria ocorrido com o aval do pastor que, aproveitando a oportunidade criada, poderia surgir como o “intermediário” ideal para ajudar na resolução deste conflito através de uma suposta negociação com os traficantes envolvidos nos atentados e, assim, ganhar notoriedade pelas suas ações<sup>13</sup>.

Além de acusar Marcos Pereira de estar associado à facção criminosa Comando Vermelho, José Júnior também diz ter sido vítima de ameaças de morte impetradas pelo próprio pastor. Associada a esta acusação surgiu outra, na qual o pastor aparece como o mentor de um ataque à sede do AfroReggae em agosto de 2013. Segundo José Júnior, o incêndio que destruiu grande parte do prédio onde funcionava a sede da ONG no Complexo do Alemão<sup>14</sup> teria partido de uma ordem expressa de traficantes aliados ao pastor como uma forma de retaliação às denúncias feitas pelo líder da ONG contra Marcos Pereira<sup>15</sup>.

Mas por que José Júnior atualmente faz acusações tão sérias a Marcos Pereira? Se traçarmos uma linha cronológica retrospectiva dos fatos, seremos levados a um momento no qual o pastor e José Júnior apareciam como “parceiros de trabalho” na mídia. Ambos pareciam defender os mesmos ideais e buscar o mesmo objetivo: reintegrar à sociedade egressos do sistema prisional e retirar traficantes de drogas da vida criminosa. Enquanto o pastor buscava efetivar este projeto através da religião, utilizando o IVR e a ADUD como meios para isso, José Júnior colocava em prática uma proposta diferente que, através da ONG AfroReggae, visava a reinserção social de traficantes e ex-presidiários por meio da música.

<sup>11</sup> <http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2006/not20061229p32949.htm> (Acesso em: 27 dez. 2013).

<sup>12</sup> <http://www.ofluminense.com.br/editorias/policia/comando-vermelho-planeja-atentados-para-o-dia-das-maes> (Acesso em: 27 dez. 2013).

<sup>13</sup> <http://oglobo.globo.com/rio/jose-junior-acusa-pastor-em-depoimento-policia-4302405> (Acesso em: 27 dez. 2013).

<sup>14</sup> O Complexo do Alemão trata-se de um conjunto de favelas localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Neste conjunto de favelas está localizada o Morro do Alemão, favela que já foi considerada o quartel general do Comando Vermelho no Rio de Janeiro.

<sup>15</sup> <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/08/encontro-de-marcinho-vp-e-beira-mar-pode-justificar-ataque-afroreggae.html> (Acesso em: 27 dez. 2013).

O pastor e o líder do AfroReggae se conheceram entre os anos de 2006 e 2007 e por pelo menos dois anos José Júnior atuou como uma espécie de “fiador” das ações de Marcos Pereira. Inclusive, em um dos episódios do programa *Conexões Urbanas*, produzido pelo AfroReggae e exibido pelo canal televisivo Multishow, o pastor fora retratado como uma das principais figuras do Rio de Janeiro comprometidas com a reintegração social de ex-trafficantes e ex-egressos do sistema prisional<sup>16</sup>. Até então, José Júnior expunha apenas elogios ao trabalho de recuperação de indivíduos marginalizados realizado pelo pastor.

Contudo, uma disputa velada por influência nas favelas do Rio de Janeiro, principal território de atuação tanto de José Júnior quanto de Marcos Pereira, parece ter sido o estopim para que ambos rompessem relações e se tornassem inimigos declarados com direito a trocas de sérias acusações. Em entrevista concedida em novembro de 2013, José Júnior declarou que “o Pastor Marcos Pereira é a maior mente criminoso do Rio, pois juntou um tripé formado por religião, política e crime organizado que o torna muito perigoso”<sup>17</sup>.

Outras denúncias surgidas no ano de 2013 serviram para endossar a imagem que José Júnior criou de Marcos Pereira. Segundo investigações da Polícia Civil do Rio de Janeiro, o pastor teria estuprado várias fiéis da ADUD e internas do IVR. As acusações vão além, e indicam que o pastor promovia orgias sexuais com as mulheres abusadas em um apartamento de sua propriedade localizado no bairro de Copacabana<sup>18</sup>. Segundo as supostas vítimas ouvidas no inquérito policial, para conseguir realizar o ato sexual com estas mulheres o pastor dizia que isso era necessário para a “salvação espiritual” das mesmas. Uma delas chegou a declarar que o pastor havia dito que a fiel estava sendo possuída por um “espírito lésbico” e que, para se livrar disso, precisava ter relações sexuais com uma “pessoa santa” como o pastor<sup>19</sup>. Somadas a estas denúncias, está a acusação de homicídio na qual o pastor teria mandado assassinar uma das fiéis que, após ser abusada sexualmente pelo líder religioso, ameaçou contar tudo à polícia. Contudo, esta suposta vítima de estupro teria sido morta antes mesmo de efetivar a denúncia contra o pastor. O inquérito policial elaborado contra o pastor conta também com denúncias de que o mesmo estaria associado ao tráfico de drogas do Rio de Janeiro, além de fazer “lavagem de dinheiro” do narcotráfico através da ADUD.

Como consequência de todas estas denúncias, Marcos Pereira, seu filho Felipe Madureira e mais três seguidores da ADUD foram indiciados no início de 2013<sup>20</sup>. Em maio de 2013 o pastor teve a prisão preventiva decretada e, posteriormente, foi condenado a 15 anos de prisão pela Segunda Vara Criminal de São João de Meriti – RJ após julgamento realizado no mês de setembro do mesmo ano.

Durante o período em que o pastor esteve preso a página virtual mantida pela ADUD na internet fora alimentada por uma série de vídeos e textos nos quais se busca provar a inocência de Marcos Pereira. Em um dos vídeos as cantoras gospel Elaine Martins e Kelen Rodrigues aparecem juntas desmentindo as acusações nas quais as mesmas são colocadas como supostas vítimas sexuais do pastor<sup>21</sup>. Inclusive, Elaine Martins enfatiza que

---

<sup>16</sup> <http://multishow.globo.com/Conexoes-Urbanas/Episodios/Ep--7---Pastor-Marcos.html> (Acesso em: 27 dez. 2013).

<sup>17</sup> <http://www.pavablog.com/2013/11/13/jose-junior-o-pastor-marcos-pereira-e-a-maior-mente-criminoso-do-rio-de-janeiro/>. (Acesso em 27 dez. 2013)

<sup>18</sup> <http://oglobo.globo.com/rio/pastor-marcos-pode-ter-estuprado-ao-menos-outras-20-mulheres-8326282/>. (Acesso em 27 dez. 2013).

<sup>19</sup> <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/pastor-marcos-pereira-e-condenado-a-15-anos-por-estupro> (Acesso em: 27 dez. 2013).

<sup>20</sup> <http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/rj-pastor-marcos-pereira-o-filho-e-mais-3-sao-indiciados-por-coacao,a666d8a0c310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html> (Acesso em: 27 dez. 2013).

<sup>21</sup> <http://portaladud.com.br/adud/component/content/article/8-noticias-adud/160-elaine-martins-e-kelen-depoimentos> (Acesso em: 27 dez. 2013).

viveu durante muitos anos como interna do IVR e que em nenhum momento sofreu assédio por parte do pastor. Ana Madureira, esposa do pastor e que é igualmente citada na lista de vítimas de estupro, também disponibilizou um vídeo na página virtual da ADUD no qual inocenta o pastor de todas as acusações<sup>22</sup>.

Ao mesmo tempo, as demais acusações de associação ao tráfico de drogas e lavagem de dinheiro são desmentidas em textos periodicamente disponibilizados na página virtual da igreja. Em um destes textos, Marcos Pereira é comparado a Jesus Cristo que, segundo os textos bíblicos, tal como o pastor teria passado por situação de cárcere e sofrido acusações infundadas antes de ser crucificado. Abaixo são expostos alguns dos textos de defesa do pastor retirados da página virtual da ADUD.

Nos meses seguintes à prisão de Marcos Pereira a coleta de dados tornou-se algo extremamente difícil. Estabelecer contato com os membros da equipe técnica que serviam de “ponte” para minha presença no IVR se transformou em algo sobremaneira complicado, e mesmo quando conseguia falar com eles por telefone sempre recebia negativas para as minhas visitas à instituição. Não é possível dizer se a crise institucional criada pela prisão do líder religioso constitui o principal componente do complicado panorama que se construiu para a continuação de minha pesquisa *in locu*. Na verdade, esse foi um dos vários elementos que surgiram ao longo dos últimos meses da pesquisa de campo que progressivamente transformaram minha permanência ali cada vez mais impraticável.

Devo sublinhar que uma crise financeira já dificultava o trabalho do IVR antes mesmo da prisão do pastor. Na última entrevista realizada com a psicóloga do IVR no início do ano de 2013, a mesma declarou que as perspectivas para o futuro do IVR estavam se tornando muito ruins, visto que a instituição não havia conseguido a renovação de vários convênios que mantinha com o poder público para receber recursos fundamentais à manutenção do IVR. À época, esta situação de crise financeira provocou efeitos colaterais que fragilizaram a equipe técnica, sobretudo em função dos atrasos dos salários de seus componentes. Toda esta situação, na interpretação da entrevistada, teria sido desencadeada pelas primeiras acusações feitas por José Júnior, pois, segundo ela, foi a partir daí que o pastor começou a perder a credibilidade tão necessária para a renovação dos convênios do IVR com o poder público. Além disso, ela também relatou que acreditava na interferência direta de José Júnior para evitar que os convênios do IVR fossem renovados, já que, na visão da psicóloga, “ele é uma pessoa com muitos contatos no meio político”.

Não posso dizer que presenciei algum acontecimento que possa ter me indicado que no IVR ou na ADUD aconteciam coisas tão obscuras como as relatadas no inquérito policial que acusa Marcos Pereira. Mas posso dizer que outros fatores me deixaram intrigada como, por exemplo, o fato da equipe técnica da instituição ter postergado o quanto pôde a realização de entrevistas com as mulheres internas do IVR. Desde o início da realização das entrevistas com os internos do IVR tive grandes dificuldades em entrevistar as mulheres internas na instituição. A princípio, sempre existiam empecilhos para que eu não conversasse com as internas. Em um dia, eu não podia entrevistar uma delas porque estavam todas envolvidas nas tarefas da cozinha e eu não podia atrapalha-las. No outro dia, todas as internas estavam muito atarefadas com a limpeza da instituição e, por isso, nenhuma delas poderia parar suas atividades para me dar uma entrevista. Assim, os dias iam se passando e as entrevistas com as internas nunca aconteciam. Precisei insistir bastante para que, já nos meses finais da minha pesquisa de campo, eu pudesse entrevistar um grupo de três internas. E, quando finalmente tive a permissão para entrevistar as internas, as acusações feitas a Marcos Pereira e a postura mais defensiva da equipe técnica

---

<sup>22</sup> <http://portaladud.com.br/adud/component/content/article/8-noticias-adud/164-esposa-pr-marcos-pereira> (Acesso em: 27 dez. 2013).

da instituição neste momento delicado acabaram por inviabilizar minha presença em campo e a continuidade da coleta de dados.

Da mesma forma, me intrigou saber que a filha de um dos mais poderosos traficantes do estado do Rio de Janeiro vive no IVR sob a tutela do pastor desde a prisão de seu pai em 2011, embora a mesma tenha relatado nunca ter usado drogas ou ter se associado diretamente ao narcotráfico, motivos que, via de regra, são os que levam um indivíduo à internação no IVR<sup>23</sup>.

Avaliar o trabalho realizado pelo IVR não foi um dos objetivos de minha pesquisa, tampouco buscar e apresentar “provas” que poderiam corroborar as acusações feitas contra o pastor constitui o alvo da pesquisa. Minha intenção fora apenas descrever os discursos dos atores envolvidos nos processos e tentar apreender suas motivações naquilo que fazem. Porém, seria leviano de minha parte, como pesquisadora, deixar de registrar os pontos críticos que atravessaram meu caminho durante minha pesquisa de campo no IVR, sobretudo depois de serem ventiladas denúncias tão sérias contra o pastor. Por que, em uma instituição religiosa tão rígida e restritiva no que tange às regras de convivência entre homens e mulheres, eu, pesquisadora e não participante da comunidade religiosa, seria levada primordialmente a entrevistar homens quando a lógica dos preceitos religiosos sustentados pela igreja dizia justamente o contrário? Não posso formular uma resposta para essa questão. Tudo são conjecturas. Mas continuo intrigada e curiosa em saber: o que não podia ser dito por essas mulheres para que elas fossem tão preservadas?

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUANDO O DADO NÃO REVELADO TORNA-SE O DADO MAIS INDISPENSÁVEL.**

Nas páginas acima expus alguns acontecimentos que, sob um olhar menos profundo, poderiam indicar dificuldades para a coleta de dados através do trabalho de campo etnográfico. De fato, a dificuldade em conseguir entrevistas com mulheres internas no IVR ou as questões relacionadas à maneira como se deve/pode compreender os discursos de recuperação da dependência química apresentados pelos internos e internas entrevistados podem ser vistos como entraves para uma observação mais minuciosa sobre o IVR e os códigos compartilhados pelos atores que circulam cotidianamente nesta instituição. No entanto, acredito que seja necessário olhar para estes fatores por outros ângulos que não estejam necessariamente pautados na avaliação de possíveis dificuldades metodológicas para a construção de uma etnografia.

Não devemos nos esquecer do quão fundamental é que o antropólogo integre os imponderáveis da descrição etnográfica no rol das condições que se apresentam para a construção do conhecimento antropológico. Inclusive, deve-se observar que, quando se trata de pesquisas etnográficas concentradas na esfera religiosa, os imponderáveis tornam-

---

<sup>23</sup> A situação em que conheci esta interna fora bastante inusitada. Neste dia, estava tudo combinado para que eu realizasse a primeira entrevista da pesquisa com uma interna do IVR. Enquanto eu esperava a interna selecionada pela assistente social do IVR para começarmos a entrevista, outra interna se aproximou de mim, me estendeu a mão – em forma de cumprimento – e me disse seu nome completo. Neste momento, fiquei encabulada com duas coisas: primeiro, não era comum que os internos se apresentassem dizendo nome e sobrenome; segundo, o sobrenome dela me soou tão familiar que precisei perguntar sobre a origem do mesmo. E foi então que ela me respondeu: “meu nome é familiar porque eu sou filha do (nome do traficante), e ele é muito conhecido”. Acredito que minha cara de espanto tenha sido tão evidente que outra interna se aproximou de nós duas e disse que aquilo que eu tinha acabado de ouvir era verdade. Esta outra interna ainda aproveitou para me mostrar uma tatuagem que tinha no ombro com as iniciais do nome do tal traficante pai daquela interna. Nós três conversamos um pouco, mas fomos interrompidas pela chegada da interna que deveria ser entrevistada aquele dia, tal como havia agendado com a assistente social do IVR.

se presentes com ainda mais força do que quando realizamos etnografias em outras áreas. Aqui, revela-se de suma importância destacar que quando falo dos imponderáveis da descrição etnográfica me refiro ao mesmo uso que Malinowski fez deste termo. Assim, tal como Souza Neto & Amaral nos indicam,

Imponderáveis é um termo originariamente utilizado por B. Malinowski quando analisa metaforicamente as etapas do trabalho de campo. Segundo o autor, para uma observação participante efetiva, o antropólogo precisa fazer um levantamento objetivo dos dados imediatos do local, como por exemplo, um mapa êmico e os dados demográficos, constituindo-se então o que Malinowski chama de “esqueleto”. Em seguida, o esqueleto precisa ser preenchido com “carne e sangue”, ou seja, acrescenta-se uma análise subjetiva sobre as ações práticas do cotidiano do nativo. Busca-se, por exemplo, investigar quais as regras da comunidade, como se comporta o nativo diante delas, as relações de autoridade, parentesco, entre outros. São essas ações da vida real que Malinowski se refere ao falar dos “imponderáveis da vida real”, ou seja, as atividades corriqueiras do nativo (...). Por fim, Malinowski acrescenta a “alma” do trabalho etnográfico que é entender como o nativo interpreta a si mesmo e os significados de sua própria cultura (SOUZA NETO & AMARAL, 2011: pag. 497).

Desta forma, considero os entraves para a realização de entrevistas com mulheres internas, para a continuação da pesquisa de campo e as questões relacionadas à construção retórica dos relatos dos internos entrevistados como imponderáveis com os quais não poderia deixar de me deparar. Sobretudo no que tange à retórica atravessada por exageros elaborada pelos internos entrevistados, acredito que seja de fundamental importância o entendimento de que, quando tratamos de micro processos cotidianos nos quais os atores sociais constroem suas relações, o antropólogo deve assumir uma postura onde possa desconstruir o construído para que, depois, possa realizar uma reconstrução baseada nos preceitos que orientam sua apreensão do mundo. Este processo de desconstrução / reconstrução das ações e discursos dos atores sociais observados revela-se como algo impossível de ser deixado de lado pelo antropólogo e, sem dúvidas, tal processo de desconstrução / reconstrução deve ser praticado com ênfase nas pesquisas etnográficas voltadas para a esfera religiosa. Assim sendo, penso que o ideal no que diz respeito à retórica do exagero utilizada pelos internos entrevistados é buscar outros níveis de interpretação que vão além do que está prontamente dado na superfície do discurso. Deve-se levar em conta que o discurso proselitista evangélico-pentecostal é amplamente fundamentado na demarcação de fronteiras que visam deixar muito claro o antes e o depois da conversão do indivíduo. Este esforço retórico visa, sobretudo, evidenciar o quão profunda é a mudança de vida proporcionada pela adesão ao pentecostalismo através da ênfase nas práticas que, dentro do rol de preceitos religiosos compartilhados pela corrente pentecostal, são vistas como absolutamente abomináveis.

Neste ponto torna-se conveniente mencionar outro exemplo de exagero retórico que esteve presente especificamente nos discursos das mulheres entrevistadas por meio da ênfase na prática da prostituição. Principalmente no meio evangélico, a prostituição não é compreendida apenas como o ato de cobrar algo em troca de favores sexuais. No âmbito evangélico-pentecostal, toda mulher que pratica atos sexuais antes de estar efetivamente casada com seu parceiro sexual é classificada como prostituta, e esta maneira de interpretar os fatos é passada para as internas que absorvem este discurso e passam, assim, a se autodefinirem como ex-prostitutas ainda que não tenham se prostituído no sentido *latu sensu* do termo.

Notam-se, então, como elementos que servem para fortalecer a retórica do “antes” e “depois”, os entrevistados buscam sempre explicitar todos os atos socialmente reprováveis que anteriormente cometiam (uso de drogas, prática de crimes para conseguir recursos para a compra de entorpecentes, prática da prostituição, etc.), assim como ilustram a nova vida que adotaram após a internação (com o afastamento do uso de drogas e participação em práticas religiosas promovidas pela instituição, por exemplo). O interessante a ser notado nos discursos dos internos é que, de fato, os mesmos falam sobre transformações que realmente acreditam que aconteceram, o que faz com que eles atribuam à instituição o papel principal na destruição do eu anterior e na construção do eu atual. Estas mudanças atravessam o indivíduo de tal forma que, como fora exposto acima, toda sua percepção sobre a vida transmuta-se profundamente ao longo do tratamento. Aqui, aquilo que Goffman chama de “carreira moral”, a saber, o processo individual de ajustamento do estigmatizado e prol da mudança da concepção do seu eu, revela sua força de maneira inquestionável.

Na linguagem mais exata de algumas de nossas mais antigas instituições totais, começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado. Começa a passar por algumas mudanças radicais em sua “carreira moral”, uma carreira composta por progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que tem a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos para ele (GOFFMAN, 1988:32).

É interessante notar que no âmbito das construções cosmológicas evangélicas a figura do demônio surge como o grande causador de todos os tipos de males, assim como também ele é considerado o grande incentivador de comportamentos inadequados (como o uso abusivo de drogas, por exemplo). O indivíduo que adere à fé evangélico-pentecostal precisa, antes de qualquer coisa, entender que todos os malefícios são provocados por uma força espiritual maligna que induz homens e mulheres à prática do pecado. Esse entendimento é fundamental na composição de uma explicação para todas as coisas (agora consideradas) inadequadas que o indivíduo possa ter feito em sua vida pgressa. O uso abusivo de drogas e a prática de atividades criminosas e de prostituição, por exemplo, passam a ser vistos como obras satânicas, e não como frutos de uma escolha proativa do indivíduo. Este dado é importante e nos ajuda a entender a construção retórica pautada no exagero apresentada pelos internos entrevistados. Tendo em vista que o demônio é o grande responsável pela prática de atividades inadequadas pelos indivíduos, não há motivos para sentir qualquer tipo de constrangimento ao relatar a prática passada de atos recriminados na esfera da cosmologia pentecostal.

Autores como Birman (1997), Guimarães (1992), Mariz (1997, 1999) e Rolim (1987) sublinham que a centralidade atribuída ao demônio no pentecostalismo favorece uma interpretação na qual o demônio é acusado de provocar infortúnios e malefícios de todas as naturezas. Além disso, o demônio também é apontado como responsável por levar as pessoas a terem comportamentos inadequados, como o uso sistemático de drogas, prostituição, roubo, entre outros. Como desdobramento disso, a cosmologia pentecostal observa aqueles que manifestam comportamento desviante como oprimidos e subjugados pelas forças demoníacas (BIRMAN, 1997; MACHADO, *Ibidem*; MARIZ, 1997, 1999). Assim sendo, a responsabilidade pelas falhas de conduta não deve cair sobre o desviante propriamente dito, mas sim sobre as forças espirituais que atuam negativamente fazendo-lhe agir de tal maneira.

Associado à centralidade dada ao demônio, vemos no discurso pentecostal a ênfase no termo “libertação”. De acordo com Mariz (1994b), a ideia de libertação empregada no pentecostalismo pressupõe que os sujeitos são fracos e passíveis de serem dominados pelo mal. Por conseguinte, os sujeitos não são vistos como responsáveis pelo mal que

provocam, mas apenas como vítimas dele. Neste sentido, o discurso de ex alcoólicos conversos ao pentecostalismo é especialmente ilustrativo já que, para estes, apenas concomitantemente ao processo de libertação do demônio ou do mal é possível a libertação do alcoolismo (MARIZ, 1994b).

Assim sendo, a retórica do exagero cabe perfeitamente no bojo das construções cosmológicas pentecostais por dois motivos fundamentais. O primeiro deles, como destacado acima, é a necessidade de estabelecer fronteiras que demarquem com bastante vigor o antes e depois da vida do indivíduo que adere à fé pentecostal. O segundo motivo é o que diz respeito àquilo que podemos chamar de “isenção moral” no que tange aos atos classificados pela cosmologia pentecostais como inadequados. Sob este aspecto, atos como uso abusivo de drogas, prática de crimes ou de prostituição são vistos como de responsabilidade das forças demoníacas que atuam sobre a vida dos indivíduos e, por isso, falar com ênfase e de forma exagerada sobre estas práticas serve para caracterizar a atuação de demônios e não para desacreditar o indivíduo que diz ter realizado tais atos. De posse destas observações, o pesquisador que se propõe a realizar uma etnografia sobre instituições pentecostais precisa ter em mente que os discursos revelados pelos indivíduos a respeito de suas ações e motivações trazem em si uma série de níveis de informações que precisam ser esmiuçadas, desconstruídas e (re)construídas para que, assim, sejam adequadamente interpretadas.

Já no que diz respeito às dificuldades de continuar a pesquisa de campo e de entrevistar mulheres internas no IVR um olhar mais superficial a respeito deste assunto poderia nos indicar que tive problemas para acessar os dados que seriam mais relevantes. No entanto, deve-se observar que a própria dificuldade de se obter os dados mostra-se, em si, como o dado mais importante. Digo isso porque, em primeiro lugar, a prisão e condenação de Marcos Pereira, assim como as barreiras para continuação da pesquisa de campo, revelaram que a figura do pastor era ainda mais proeminente do que havia mensurado antes de iniciar a pesquisa de campo. De fato, quando me dei conta de que o contexto da prisão de Marcos Pereira tornaria inviável minha permanência como pesquisadora no IVR percebi que o líder religioso em questão era mais do que um pastor para suas ovelhas. Por isso, sua ausência física na instituição fez com que as dinâmicas que encontrei no início da pesquisa de campo fossem redesenhadas de tal forma que eu, como pesquisadora, não conseguí encontrar a acolhida que tive nos primórdios de minha chegada ao IVR.

Em segundo lugar, a dificuldade de obter entrevistas com as mulheres internas, antes de me impedir de conseguir dados satisfatórios sobre a inserção destas mulheres no IVR, me mostrou a importância de outros dados coletados durante a pesquisa de campo. Desta forma, segundo os dados coletados, o IVR apresenta uma situação peculiar no que tange à divisão de tarefas e uso do tempo pelos internos. Enquanto as mulheres dedicam praticamente todo o seu tempo na realização das tarefas domésticas, tais como a limpeza diária e o funcionamento da cozinha, por exemplo, os homens são colocados em uma condição de completa ociosidade durante a maior parte do dia. Destaco que todas as vezes em que estive no IVR para fazer minha observação de campo, me deparava com um grupo de pelo menos quinze homens sentados na escadaria que dá acesso à igreja e a comunidade terapêutica. Independente do horário que eu chegasse ao local, lá estava aquele grupo. Geralmente, a impressão que eu tinha era de que ficar ali na escadaria vendo a vida passar era justamente uma forma de fazer o tempo passar mais rápido, visto que o IVR possui certa deficiência no desenvolvimento de atividades recreativas ou terapêuticas para os internos. Além disso, a escadaria constitui a fronteira física que separa o IVR do mundo externo. Dentro das regras sustentadas pelo IVR, o interno não possui permissão para sair das dependências físicas da comunidade terapêutica. A escada que dá acesso à rua é o limite até onde os indivíduos em tratamento podem ir, pois ultrapassar esta barreira torna o

interno sujeito às sanções que podem, inclusive, chegar à expulsão do mesmo do IVR. Deste modo, pode-se observar que a dificuldade para a realização de entrevistas com as mulheres internas está diretamente ligada à ociosidade dos internos do grupo masculino, uma vez que a ociosidade dos rapazes parece depender da sobrecarga de tarefas sobre as mulheres. Além disso, o contexto em que Marcos Pereira fora preso, somado a todas as acusações de estupro impetradas contra o pastor, pode servir de norteador para compreender os motivos que levaram a equipe técnica do IVR a dotar uma postura mais evasiva quanto ao meu contato com as internas.

Por fim, gostaria de salientar que os pesquisadores das Ciências Sociais que pretendem se dedicar ao estudo etnográfico na esfera religiosa precisam considerar que o uso de técnicas etnográficas estruturadas de acordo com uma abordagem que considere as singularidades do campo religioso pode proporcionar a construção de uma apreensão mais completa sobre o fenômeno. Sem dúvidas, a adoção desta postura mostra-se capaz de colaborar para a reformulação dos métodos de pesquisa utilizados, assim como pode também nos levar a níveis de compreensão indispensáveis para que não negligenciem aspectos fundamentais do âmbito religioso.

### Referências Bibliográficas

- BECKER, H. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro. Zahar, 2008.
- BIRMAN, P. Males e malefícios no discurso neopentecostal. In\_: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (Orgs). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- GOFFMAN, E. **Estigma**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- GUIMARÃES, J. E. **Razão e religião: pentecostais, visões de mundo e conduta**. 1992. Dissertação (Mestrado), CPDA-UFRRJ, 1992.
- MACHADO, M. D. C. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- MARIANO, R. Pentecostais e política no Brasil. **ComCiência**, internet, v. 65, 2005.
- MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: O caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 52, p. 121-138, 2004.
- MARIZ, C. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.
- MARIZ, C. “Embragados no Espírito Santo”: Reflexões sobre a experiência pentecostal e o alcoolismo. **Revista Antropolítica**. Niterói, n. 15, 2, p.11-18, 2003.
- MARIZ, C. A teologia da guerra espiritual: uma revisão da literatura sócio-anropológica. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 47, p. 33-48, 1999.

MARIZ, C. O Demônio e os pentecostais no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (Orgs). In\_: **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

MARIZ, C. Alcoolismo, pentecostalismo e gênero. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, 1994a. p. 80-93.

MARIZ, C. Libertação e ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo. In\_: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos, nem demônios**. Petrópolis: Vozes, 1994b.

NETO, A. S.; AMARAL, P. L. Os imponderáveis da etnografia religiosa: uma análise sobre o trabalho etnográfico no campo da religião. **MNEME – Revista de Humanidades**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 11, n. 29, p. 492-505, junho/julho. 2011.

ROLIM, F. C. **O que é Pentecostalismo**. São Paulo, Coleção Primeiros Passos, Brasiliense, 1987.

SANCHEZ, Z. V. D. M.; NAPPO, S. A. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, p. 73-81, 2007.

SMILDE, D. **Razão para crer**: agência cultural no movimento evangélico latino-americano. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.